

Orientações curriculares para o ensino de Teatro nas escolas da rede estadual de Goiás

Mara Veloso de Oliveira Barros*

Resumo

Em 2009 com a publicação do Caderno 5 *Reorientação Curricular do 1º ao 9º: Currículo em debate – Goiás*, a Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte de Goiás (Seduc/GO) propõe as Matrizes curriculares com novos recortes e abordagens de conteúdos e práticas docentes que assumissem as aprendizagens específicas para todas as áreas do conhecimento e anos escolares. O presente artigo discorre sobre os princípios conceituais defendidos no Caderno 5 que atualmente fundamentam o ensino de Teatro nas escolas da rede estadual de Goiás.

Palavras-chave: ensino de Teatro, matriz curricular, escolas em Goiás.

Curricular orientations to Theater teaching in state schools in Goiás

Abstract

In 2009 with the publication of Caderno 5 *Reorientação Curricular do 1º ao 9º: Currículo em debate – Goiás*, the Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte de Goiás (Seduc/GO) proposes the Curriculum Program with new orientations, content approaches and teaching practices that assume specific learning for all areas of knowledge and school years. This article discusses the conceptual principles defended in Caderno 5 that currently underlie the teaching of theater in state schools of Goiás.

Keywords: Theater education, curriculum, schools in Goiás.

Histórico

A Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte de Goiás (Seduc/GO) em parceria com o Centro de Estudo e Pesquisa em Educação,

* Graduada em Licenciatura em Artes Cênicas pela Emac/UFG, Especialista em Filosofia da Arte pela UEC, Especialista em Docência do ensino superior pela FABEC e Mestranda em Ensino na Educação Básica pelo Cepae/UFG. Vínculo institucional: Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte/Seduc; Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG. E-mail: prof.maraveloso@hotmail.com.

Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) e a Fundação Itaú Social (FIS), iniciou a partir de 2004 um processo de Reorientação Curricular que consistia na estruturação de uma nova proposta para o ensino fundamental com novos recortes e abordagens de conteúdos e práticas docentes que assumissem as aprendizagens específicas de cada área.

Acreditava-se que a construção da política educacional de reorientação curricular do estado, construída de forma participativa, ganharia mais consistência e sentimento pelo envolvimento e adesão dos participantes, pelo sentimento de pertencimento que se criaria, e pela legitimidade dada ao processo. (CHIETTI et al., 2010, p. 56).

Assim, no período de 2004 a 2008 foram promovidos grupos de estudos, oficinas pedagógicas, encontros e momentos de discussões e trocas envolvendo, um processo participativo, as 38 Subsecretarias Regionais de Educação do Estado de Goiás (SRE/GO). Com base nesse diálogo, diagnosticou-se a necessidade de se estabelecer referenciais curriculares comuns para o Estado de Goiás, em todas as áreas do conhecimento e anos escolares.

O objetivo era que um novo arranjo curricular possibilitasse a criação de projetos de ensino e práticas educativas inovadoras e eficazes à transformação da escola num espaço de aprendizagens significativas, que garantissem a permanência do estudante e a qualidade do ensino ofertado.

Para atender a esse desafio criaram-se momentos de diálogo entre a equipe de desenvolvimento curricular responsável pela elaboração e implementação da nova proposta curricular da Seduce/GO com os agentes educacionais (professores, coordenadores, diretores e estudantes) da Rede Estadual, com representantes de universidades (públicas e particulares) e outros segmentos educacionais.

Em 2007, o Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte, órgão da Seduc responsável pelas demandas relativas ao ensino de arte no Estado de Goiás, se integra à equipe de Reorientação Curricular e assume a elaboração dos Referenciais Curriculares para as áreas das Artes (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) e também a sistematização de materiais de apoio ao docente com base nesses referenciais.

Em 2009, a Seduce/GO publica as Matrizes curriculares, para todas as áreas do conhecimento e anos escolares, no Caderno 5 *Reorientação curricular do 1º ao 9º: Currículo em debate – Goiás*. Neste mesmo ano e no

seguinte também foram publicados outros cadernos com materiais de apoio ao docente.

Em 2010, no período de 30 de novembro a 02 de dezembro, a SEE/GO promoveu o I Desenvolvimento Curricular do Estado de Goiás, onde foram apresentados e debatidos os resultados obtidos ao longo do processo.

Depois das eleições em 2010, ocorreu a mudança na administração no Governo do Estado, e em setembro de 2011, o governador do Estado Marconi Perillo juntamente com o secretário da Educação Thiago Peixoto, adotou outra política educacional, o Pacto Pela Educação, com novas diretrizes e metas do governo para a educação. Entretanto, o ensino das Artes na rede estadual de educação em Goiás, atualmente, ainda se pauta nos princípios conceituais defendidos no Caderno 5 *Reorientação curricular do 1º ao 9º: Currículo em debate – Goiás*.

Matriz curricular de Teatro do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental

A matriz curricular de Teatro está no texto *Arte: um currículo voltado para a diversidade cultural e formação de identidades* (GOIÁS, 2009). O texto apresenta inicialmente reflexões comuns às quatro áreas artísticas (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) e, em seguida, as matrizes específicas de cada área juntamente com suas expectativas de aprendizagem e seus gráficos.

Embora a organização do documento esteja em torno das quatro áreas artísticas, vale ressaltar que, a proposta para o ensino das Artes no Estado de Goiás se fundamentou na concepção de um ensino especialista, em que o professor adota uma única área conforme sua formação específica e, caso seja formado em outras áreas do saber, esse precisa optar para trabalhar em uma das quatro áreas: Artes Visuais, Dança, Música ou Teatro. Desse modo, assumindo uma posição contrária à polivalência, em que as quatro modalidades de artesão ensinadas conjuntamente por um mesmo professor.

Optou-se por uma representação gráfica da matriz curricular (Figura 1) em que a imagem, assim como um mapa, apontasse as escolhas conceituais, metodológicas e temáticas privilegiadas na proposta.

Assim, a forma circular sinaliza o desejo de que as ações metodológicas, as modalidades e os conceitos sejam abordados de maneira dinâmica e aberta, podendo movimentar-se para a direita ou para esquerda, criando e re-criando experiências, revendo e revisitando propostas em todos os anos do ensino fundamental. Sinaliza, ainda, que conhecimentos

Pretendeu-se com esse arranjo curricular disponibilizar uma matriz aberta que, ao mesmo tempo em que apresentasse diretrizes comuns para o ensino de Teatro no Estado de Goiás, oferecesse também abertura para a interação e autonomia pedagógica do professor. Pois, a partir das orientações presentes na matriz curricular ele, o professor, poderia fazer suas próprias escolhas de forma singular e coerente com sua experiência profissional e com o contexto de sua escola e de sua sala de aula, ou seja, adequado aos sujeitos envolvidos nas relações de ensino e aprendizagem.

Nessa dimensão, pretende enfrentar os desafios de desestabilizar hegemonias de caráter eurocêntrico e monocultural, enfatizando a importância da coexistência de múltiplas e diferentes representações simbólicas e suas relações de poder. Essa orientação implica na compreensão de outras lógicas de relacionar, ver e representar universos culturais, suas diversidades e manifestações. (GOIÁS, 2009, p. 34).

A ideia de direcionar os estudos em Teatro pelo aspecto da representação cênica surge, de acordo com a matriz, da necessidade de ampliar o objeto de estudo a fim de possibilitar a escolha e construção de conexões a partir de diferentes focos. Privilegiando a diversidade de pontos de vista e também para aproximar os conhecimentos já trazidos pelos estudantes ao universo que se espera pesquisar.

Desse modo, diante de uma cena artística, seja ela, teatral, televisiva, cinematográfica ou radiofônica, temos a oportunidade de nos ver na pele de um ator ou atriz e de sermos convidados a intercambiar e compartilhar experiências que podem nos fazer mergulhar na pluralidade de elementos significantes que acionam, provocam e questionam nossos sentidos. Nesse momento, somos telespectadores, público, plateia e artistas co-criadores. Portanto, se faz necessário focar o ensino na representação cênica, abordada de forma abrangente sem determinar estilos, épocas ou escolas. A representação cênica, conforme entendemos está para o Teatro, tal qual a visualidade está para as Artes Visuais e o som para a Música. (GOIÁS, 2009, p. 58).

A Representação Cênica é todo tipo de representação, pensamento, ação, ideia, signo, símbolo, atitude e metáfora posta ao alcance do olhar de um espectador e que provoca sobre este determinada expectativa de observação.

A abordagem metodológica dos conhecimentos teatrais, segundo a matriz, deve partir de uma abordagem triangular pautada na compreensão crítica, contextualização e produção sem que uma se sobreponha a outra hierarquicamente. Dessa forma, propõe-se que o estudante seja conduzido num processo pedagógico em que se aprende vendo, fazendo e refletindo sobre o que já fez e em como foi feito.

Assim, a compreensão crítica por meio da apreciação visual da representação cênica de um artista ou grupo escolhido como referencial de pesquisa, possibilita o desenvolvimento e ampliação do olhar sobre o mundo e sobre os sujeitos. Nesta perspectiva,

[a] ação docente se pauta, por exemplo, na discussão das relações de poder, de gênero, de sexualidade, de juventude, que são vinculadas às elaborações visuais, sonoras e gestuais, levando os sujeitos à produção de sentidos. O que os artefatos culturais falam ou não falam de mim, enquanto professor ou professora, estudante, trabalhador ou trabalhadora? Quais relações me permitem estabelecer? Quais memórias elas acionam? (GOIÁS, 2009, p. 35).

A produção é a perspectiva experimental, refere-se à vivência do fazer teatral, independente do tipo de produto, como por exemplo, a leitura dramática de um texto teatral, a improvisação de uma cena ou encenação de uma história. Nessa concepção, “lida com o aprender como fazer, como representar as ideias e sentimentos por meio de movimentos, formas, sons, de modo dialógico e crítico com as representações simbólicas, dos colegas ou historicamente desenvolvidas” (GOIÁS, 2009, p. 35).

A contextualização possibilita compreensão do contexto social, histórico, cultural, filosófico entre outros, do conhecimento que está sendo estudado, ou seja, situando as representações cênicas nos diferentes espaços culturais e tempos históricos estabelecendo relações entre a obra teatral em estudo e a vida.

Contextualizar significa, também, relacionar formas, funções, materiais e tipos de produção de acordo com os contextos onde são gerados, apresentados e/ou consumidos. A atuação do professor não se limita a delimitar a época na qual as representações foram produzidas, por quem e em qual contexto. Cabe ao professor contrastar, por exemplo, as Madonas do renascimento com Madonas contemporâneas, contextualizando o tema em relação a diferentes períodos, culturas e materiais utilizados. (GOIÁS, 2009, p. 35).

Para direcionar os estudos acerca da Representação Cênica foram elencadas na matriz diversas modalidades, o teatro de bonecos, o teatro de máscaras, o teatro de objetos, o teatro de sombras, o teatro de rua, as danças dramáticas, o circo, o teatro de mímica, o teatro textocêntrico, o teatro-dança, a performance, a radionovela, o cinema, o teatro musical entre outras, que podem servir de objeto de estudo em qualquer ano letivo de acordo com a seleção feita por professores e alunos. Assim, as modalidades como modos de materialização da representação cênica são referenciais de construção e interpretação que funcionam como portais de acesso para os conteúdos a serem trabalhados, são o ponto de partida para desencadear múltiplas ações pedagógicas.

Tomemos como exemplo o estudo da representação cênica por meio da modalidade 'teatro de bonecos'. Que características tem essa representação? Como se forma a relação entre ator e boneco? Que vínculos esta modalidade guarda com os estudantes, suas vidas e papéis? Como aspectos identitários podem ser representados com os bonecos? A modalidade em questão traz para a educação o universo de formas lúdicas dos bonecos, oportunizando, desse modo, aprendizagens significativas que integram reflexão, imaginação e produção. Os professores poderão trabalhar a relação ator-atriz-boneco-público; roteiros e histórias escritos para teatro de bonecos ou, ainda, elementos para a produção nesta modalidade. A história do teatro de bonecos e suas diferentes formas em distintas culturas também são focos de interesse para o ensino de teatro. Afinal, quem nunca brincou de bonecos? (GOIÁS, 2009, p. 35).

Vale ressaltar que, as modalidades não podem ser abordadas de forma fragmentada, aleatória ou desvinculada dos elementos que as estruturam, denominados na matriz de Conceitos.

Para orientar as ações pedagógicas e definir os focos de estudo, escolhemos os conceitos: ator e público; formas de registro; espaço cênico, sonoridade e caracterização. Optamos por agrupar alguns conceitos, entendendo que, juntos, eles evidenciam mais claramente as práticas relacionadas à área e as questões que envolvem o ensino e a aprendizagem. São conceitos complementares que traduzem relações de interdependência e interação. (GOIÁS, 2009, p. 59).

Ator e público são conceitos fundamentais a serem trabalhados sob a perspectiva de cada uma das modalidades escolhidas ou eleitas, para serem desenvolvidas em qualquer dos anos do ensino fundamental. Estes

elementos indicam a condição para o acontecimento do fenômeno teatral. Os estudos se relacionam com os tipos de públicos e suas possíveis relações com o ator, que por sua vez é investigado tanto nas formas de encenação, quanto em suas técnicas individuais e coletivas (corpo, voz, gestualidade, expressividade...).

Outro conceito que gira em torno de cada modalidade são as *formas de registro* que “referem-se à ação de registrar diferentes tipos de representação cênica”. O que é levado em consideração é o fato de que “cada modalidade tem seu gênero e modo de registro próprio, podendo variar se é um roteiro, uma peça, partitura de gestos, um texto ou um vídeo” (Ibidem, p. 59).

O outro grupo de conceitos trabalhado em suas variadas formas é o *espaço cênico, a sonoridade e a caracterização* que são os “múltiplos elementos da linguagem teatral, tais como a cenografia, o local da cena, os figurinos, a iluminação, os efeitos de composição sonora. Assim, como a concepção do encenador e seus papéis nas distintas modalidades de representação” (Ibidem, p. 59).

O documento propõe também que, de modo dialógico e interativo, os conceitos e modalidades de representação cênica sejam tratados com base em *Eixos Temáticos* indicados para cada ano letivo. Esses eixos não pressupõem apenas uma relação conceitual no campo da representação cênica, mas também permitem o diálogo com as demais áreas do conhecimento. E por não se prenderem a especificidade de nenhuma área, permitem articular a prática pedagógica dentro de um planejamento interdisciplinar.

Os eixos temáticos sugeridos para cada ano visam promover um fluxo contínuo de ações educativas que possibilitem a reflexão e compreensão de estudantes e professores sobre suas origens, habilidades e formas de aprender, seu meio social e marcas culturais, na expectativa de formar sujeitos comprometidos, capazes de interferir e modificar o ambiente onde estão inseridos (GOIÁS, 2009, p. 59).

Para os anos do 1º ao 5º, os eixos temáticos são respectivamente: **eu; o outro; localidade; sociedade; identidade**. Optou-se por eixos temáticos que, de alguma forma, fossem coerentes com as fases de desenvolvimento da criança e que estivessem constantemente presentes nos projetos pedagógicos das escolas.

Nessa perspectiva, partimos do eixo **eu** para abordar os conteúdos artísticos em sintonia com o universo da criança em sua fase de descoberta

da individualidade, no 1º ano escolar. Nos 2º, 3º e 4º anos propomos **o outro, localidade e sociedade**, respectivamente, que podem ser trabalhados para ampliar a compreensão dos sujeitos sobre os artefatos culturais presentes em seu entorno, discutindo questões relativas à alteridade, ao espaço do outro e ao respeito à diversidade cultural.

Para articular o ensino de arte no 5º ano, propomos o eixo **identidade**, pretendendo uma reconstrução do conhecimento sobre si próprio na perspectiva apresentada por Souza Santos (1996) ao afirmar que “todo conhecimento é auto-conhecimento” (p. 50). A questão da identidade, pensada por meio das múltiplas formas pelas quais somos representados, reforça a compreensão de que não temos uma identidade pronta e acabada. Reforça, ainda, a idéia de que são diversas as formas com as quais lidamos e construímos nossas relações com o mundo e as maneiras como nos inserimos nele.

Woodward (2000) afirma que os indivíduos constroem suas identidades tanto social quanto simbolicamente, que as identificações são relacionais e “marcada[s] pela diferença” (p. 9). O eixo temático **identidade** nos permite questionar: como as representações interferem nas identidades culturais? De que forma estética e identidade se relacionam para gerar conflitos sobre a própria imagem, sobre expectativas e ansiedades que compõem o universo dos estudantes? São algumas das questões que merecem atenção e devem ser continuamente repensadas pelos professores que lidam com essa fase do ensino fundamental. (GOIÁS, 2009, p. 37-38).

Para os anos do 6º ao 9º, os eixos temáticos são respectivamente **lugares; trajetos; posicionamentos e projetos**.

No 6º ano o eixo temático selecionado é **lugares**, cujas referências compreendem universos identitários diversos (casa, escola, espaços virtuais e outros). “Pensamos lugares como espaços onde experiências internas, subjetivas, e externas, de representação-expressão se complementam por meio de vivências sensíveis e reflexivas” (GOIÁS, 2009, p. 38). Há que se considerar que atualmente é possível ocupar simultaneamente o mesmo espaço, como estes são também bastante variados, por exemplo, acessar a internet, ouvir música e conversar com alguém, ao mesmo tempo.

O eixo trajeto proposto para o 7º ano mantém conexão com o eixo lugares, sendo os deslocamentos entre os diferentes lugares em que transitamos:

Histórias de vida, memórias e valores são construídos por meio de trajetos que percorremos, nos quais configuramos e reconstruímos nossas identidades culturais. Esses trajetos guardam registros, memórias, experiências gestuais, sonoras, visuais e poéticas associadas a artefatos materiais e imateriais, lembranças capazes de suscitar diálogos e narrativas que podem dar significado às vivências desses trajetos transformando-os em conhecimento. (GOIÁS, 2009, p. 39).

No 8º ano os alunos necessitam ser estimulados ao exercício crítico com base nas relações e interpretações, ampliando seu repertório sobre representações simbólicas. Os conflitos que por ventura surgirem, entre diferentes interpretações devem ser discutidos e analisados com maior autonomia por parte do aluno, por meio de seus **posicionamentos** (eixo temático do 8º ano).

No último ano do ensino fundamental, 9º ano, o eixo temático se constrói pelo conhecimento adquirido nos anos anteriores. Assim, podem ser construídos **projetos** individuais e coletivos “dando ênfase às narrativas e projetos de vida, privilegiando a experiência de planejar e conhecer outras formas de viver no mundo” (GOIÁS, 2009, p. 39).

A matriz indica ainda expectativas de aprendizagens que devem ser alcançadas pelo estudante ao final de um processo de ensino aprendizagem no campo da representação cênica. Foram divididas em dois blocos, sendo o primeiro direcionado para os anos do 1º ao 5º e o segundo para os anos 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Essas expectativas de aprendizagem correspondem no PCN às competências e habilidades, que já são dadas. O professor deve escolher qual ou quais dela serão trabalhadas em que ano.

Expectativas do 1º ao 5º ano – Que os estudantes aprendam:

- Que o Teatro é uma arte que se configura através da representação cênica, forma tão antiga quanto o próprio homem e que se transforma no decurso do tempo e espaço; com base nessa compreensão, que possam relacionar idéias, valores e sentimentos que o teatro articula com sua experiência sensível (acontecimentos cotidianos, sonhos, fantasias) sendo capazes de manifestar pontos de vista, posicionamentos e reflexões.
- Representar cenicamente (seja pelo teatro, seja por experimentações audiovisuais) mobilizando recursos vocais, corporais e atitudinais, percebendo a importância do contexto, dos companheiros, da articulação de gestos no espaço e da apropriação/imitação de falas e/ou ações de pessoas, animais e objetos do cotidiano.

- Identificar o Teatro dentre os vários modos de representação cênica percebendo sua característica presentativa e apreciando, compreendendo e identificando, por contraste, outros modos de representação (filmes, vídeos, clips) e suas características de linguagem.
- Contextualizar histórias, fábulas e narrativas relacionando-as com o seu cotidiano familiar, cultural e social, investigando as motivações e processos de elaboração de idéias de diferentes artistas.

Expectativas do 6º ao 9º ano – Que os estudantes aprendam a:

- Investigar, construir posicionamentos e reflexões, por meio da análise crítica de si mesmo e do teatro exercitando-se como sujeitos ativos, capazes de interferir e modificar o meio onde estão inseridos.
- Compreender criticamente, investigar, conhecer, identificar, perceber, apreciar e interpretar diversos trabalhos de artistas, grupos ou colegas de cena, desenvolvendo o interesse e o gosto pela arte do teatro reconhecendo-o como forma de expressão e comunicação.
- Produzir e criar representações cênicas a partir do reconhecimento e utilização das suas habilidades de expressar e comunicar, criando significados a partir de diferentes técnicas, elementos e recursos da linguagem teatral.
- Estabelecer relações entre a obra teatral e própria vida (social, política, econômica, etc.), contextualizando, interpretando, investigando e relacionando as diferentes representações cênicas aos diferentes tempos e espaços, compreendendo criticamente seus valores. (GOIÁS, 2009, p. 61).

Vale ressaltar que, as expectativas elencadas não estão direcionadas a nenhuma modalidade específica por conta da liberdade de escolha que é dada ao professor na matriz. Assim, cabe ao professor direcionar a especificidade nas expectativas de acordo com o foco escolhido.

Em relação à forma de organização dos conteúdos, propõe-se *Sequências didáticas* com atividades ordenadas e articuladas para que os estudantes possam gradativamente se apropriar de conhecimentos, valores e atitudes fundamentais para a área de Teatro, com a possibilidade de criar desdobramentos imprevisíveis que irão gerar novos conteúdos. Nesse sentido, sequências didáticas são entendidas como situações de ensino e aprendizagem planejadas, com o objetivo de promover aprendizagens específicas, sequenciadas em níveis de complexidade crescentes, socialmente relevantes.

Quanto às questões relacionadas à avaliação, a matriz orienta que sejam de caráter autêntico, formativo e processual. Na perspectiva que, uma aprendizagem significativa implica em diferentes formas de avaliação e devem obedecer a critérios claramente definidos pelo professor (devendo estes ser explicitados aos alunos), tendo em vista, sobretudo, a sintonia com o trabalho pedagógico e as expectativas de aprendizagem. Dessa forma, deve-se considerar tanto os aspectos técnicos da produção artística quanto às questões conceituais. Pois,

o processo de avaliação deve possibilitar não somente a verificação do que os estudantes aprenderam, mas de forma paralela e em semelhante grau de importância, a forma como se deu a mediação do professor no processo ensino-aprendizagem. A participação dos estudantes na definição prévia dos resultados a serem atingidos e, principalmente, no modo como serão avaliados, contribui para que se sintam co-autores do processo e, conseqüentemente, responsáveis por sua própria aprendizagem. (GOIÁS, 2009, p. 40).

Considerações finais

Os professores de Teatro da rede estadual em Goiás, ao assumirem em seus projetos pedagógicos a Matriz Curricular proposta pela Seduce/GO, precisam perceber a necessidade de mudanças no plano de ação da escola, no planejamento da área e no plano de aula. É preciso interagir com toda a comunidade escolar, planejando em conjunto, uma educação que priorize o estudante, para que este compreenda o mundo em que vive e saiba se situar nele como ser humano autônomo, crítico e transformador.

[v]ale lembrar que o currículo também é um instrumento que apresenta demandas, necessidades a serem atendidas em negociação entre escolas e Estado. Nessas negociações, podemos incluir, além de equipamentos, materiais e espaço físico, que o ensino de Arte seja garantido em todos os anos da educação básica, com profissionais habilitados em todas as linguagens, reforçando a ação docente especializada. Enfim, numa dimensão ampliada, esta matriz curricular aponta para negociações nas quais as escolas possam se estruturar com salas-ambientes e recursos didático-pedagógicos que contribuam para o desenvolvimento das diferentes ações [...] Os pontos de negociação, como apontamos, não se limitam ao plano dos recursos materiais, fundamentam-se em questões

epistemológicas, conceituais, culturais e estéticas que caracterizam esta matriz. Faz-se necessário, portanto, que se promova a atualização dos arte educadores, por meio da formação continuada em serviço e de seu acesso ao capital cultural e simbólico contribuindo para seu desenvolvimento enquanto sujeitos responsáveis pela função de educar. Além de oportunizar essa formação, a escola deve incluir no projeto pedagógico momentos de discussões coletivas e grupos de estudo por área, para avaliação, troca de experiências e planejamento participativo. (GOIÁS, 2009, p. 39).

Enfim, faz-se necessário um diálogo permanente entre comunidade escolar (estudantes, docentes, grupo gestor) e a Seduce/GO, para que o ensino de Teatro na rede estadual de educação em Goiás siga as orientações conceituais propostas na matriz curricular do Caderno 5, com os conteúdos organizados a fim de manter em perspectiva os estudantes e o contexto no qual as práticas pedagógicas serão realizadas, valorizando a diversidade cultural e promovendo diferentes interpretações de representações cênicas, de modo a servir como objeto de compreensão, formação de conceitos, superação de pré-conceitos e eliminação de fronteiras.

Referências

- GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. Arte: uma nova perspectiva. In: *Currículo e Práticas Culturais*. Goiânia: 2006.
- GOIÁS. Secretaria de Educação. *Reorientação curricular do 1º ao 9º: currículo em debate-Goiás: matrizes curriculares: Caderno 5*. Goiânia: Poligráfica, 2009.
- CHIETTI, M. et al. Uma reorientação curricular em três movimentos. In: *Currículo Construção é Participação*. Goiânia: Poligráfica, 2010.
- SOUZA SANTOS, B. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1996.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

.....

Recebido em: 13 maio 2016

Aceito em: 19 jul. 2016.